

Muktabai Guia um Buscador Sincero

Baseado em um Conto Clássico da Índia

Era Divali, o festival das luzes, e uma jovem chamada Muktabai corria em direção ao centro da aldeia em uma missão importante. Ela estava planejando fazer *puranpolis*, biscoitos doces, para a sua família em homenagem ao feriado. Sua mãe e seu pai haviam falecidos, e agora Muktabai queria fazer essa comida especial para ela e para seus três irmãos mais velhos — Nivritti, Jnaneshvar e Sopan. Sendo esta a primeira vez que fazia *puranpolis*, ela precisava comprar uma panela de barro para fritá-los.

Muktabai poderia se parecer com qualquer outra garota da aldeia, mas sem que seus vizinhos soubessem, ela era uma Siddha, um ser iluminado, bem como seus três irmãos. Esta jovem conhecedora da Verdade sorria ao caminhar pela vila de Alandi, e apreciava a simpatia e a boa vontade que refletiam no rosto das pessoas durante Divali. As ruas da aldeia estavam cheias de pessoas que haviam vindo comprar frutas e doces para o festival. Todos que Muktabai cumprimentava respondiam à sua alegre saudação, até que ela encontrou o mais eminente Brâmane da vila, Visoba Chati.

Este homem, um dos anciãos da aldeia, expressava seu anseio por Deus através de uma rigorosa fidelidade aos costumes ortodoxos. Como muitos da casta sacerdotal em Alandi, Visoba desaprovava Muktabai e seus três irmãos pelo fato do pai deles, Vitthalapant, ter se casado jovem e então, sendo infeliz, ter deixado sua esposa para se tornar um monge. Quando o Guru de Vitthalapant ficou sabendo do ocorrido, instruiu o jovem rapaz a voltar para a sua vida em família. Sua esposa estava feliz em vê-lo, porém,

os Brâmanes tradicionais da aldeia não. Para eles renunciar ao monastério por qualquer motivo que fosse era uma heresia, e a seu ver, o erro daquele jovem manchou o nome de toda a sua família.

Quando Visoba viu Muktabai andando livremente pela aldeia, ele pensou que a jovem deveria estar acompanhada de um adulto, como era o costume local. *Esta família está sempre fazendo algo errado*, resmungou para si mesmo. *Bem, preciso tomar uma providência!* Ele perguntou à garota: “Onde você vai?”

“Comprar uma frigideira para fazer biscoitos doces para Divali” disse Muktabai, sorrindo para o Brâmane.

Visoba não ficou satisfeito. “Uma jovem como você não deveria estar andando pela aldeia desacompanhada”.

“Eu não me incomodo de andar pela aldeia desacompanhada”, disse Muktabai. “Todos aqui me conhecem. E meus irmãos sabem onde estou.”

Visoba ficou indignado. “Não responda a um ancião!”

Muktabai tinha grande compaixão por Visoba, a quem ela considerava ser um buscador sincero. Ela queria responder de uma forma que lhe ajudasse a superar a intolerância de sua religião e expandir seu entendimento. Mas antes que a garota pudesse falar, Visoba saiu pisando duro. Passado um tempinho, Muktabai retomou seu caminho para a loja do oleiro. Ela chegou a tempo de ver Visoba saindo da loja. Porque ele estava lá? E logo ela descobriu.

O oleiro disse que não poderia lhe vender a frigideira. Pacientemente ela ouviu suas desculpas — que tinha recebido um grande pedido de frigideiras, que sua própria esposa precisava de uma e que ele não podia

vender nada para crianças. E se ela quebrasse a frigideira a caminho para a casa!

Muktabai entendeu que Visoba era a razão por trás da recusa do oleiro. O poderoso Brâmane deve ter ameaçado o comerciante de alguma forma a ponto de deixá-lo com medo de vender a panela que ela precisava. Sabendo que não havia nada a fazer naquele momento, Muktabai voltou para a casa e esperou por seus irmãos.

Seu irmão Jnaneshvar, o segundo mais velho, foi o primeiro a chegar em casa. Ele encontrou Muktabai sentada à porta. Ela lhe contou a história da sua ida para comprar uma frigideira. “Visoba achou que tinha que impedir o oleiro de me vender a frigideira” ela disse. “E sem uma frigideira, eu não posso fazer os biscoitos doces para Divali.”

Conforme Muktabai falava, Visoba esgueirou-se para perto da janela da casa das crianças. Talvez ele estivesse preocupado por ter ido longe demais... ou talvez ele só quisesse ver como as crianças iriam se virar sem a frigideira nova. De qualquer forma, o que ele viu transformou a sua vida.

A garota e seu irmão sabiam perfeitamente que o Brâmane estava olhando, e eles silenciosamente concordaram em ajudá-lo a ganhar um novo entendimento.

Jnaneshvar disse então, “Mas Mukta, por que você precisaria de uma frigideira para fazer *puranpoli*? Você pode fritar os biscoitos sobre as minhas costas!”

Fritar os biscoitos nas costas dele! Conforme Visoba observava assustado, Jnaneshvar ajoelhou-se de quatro e permaneceu imóvel enquanto Muktabai colocava a massa em pequenos círculos sobre suas costas. Os biscoitos chiavam com o calor e, quando ela os virou, estavam marrons

dourados. Logo, Muktabai tinha uma pilha de biscoitos quentes e crocantes no prato ao seu lado.

Visoba sabia que havia testemunhado um milagre divino, e que havia sido realizado por Jnaneshvar. O Brâmane olhou para o jovem com outros olhos. Tendo perdido a cegueira dos preconceitos religiosos, ele começou a ver que havia sabedoria e compaixão no sorriso de Jnaneshvar. Conforme a consciência de Visoba se agitava, ocorreu-lhe que Jnaneshvar deveria ser um Siddha. Ele mesmo estava tentando atingir esse estado de iluminação por anos, sem sucesso. *Esse jovem viveu na mesma aldeia que eu por toda sua vida, pensou o Brâmane. Por anos fui cego à sua grandeza.*

Muktabai ouviu o suspiro de Visoba enquanto cozinhava, e agora o chamou pela janela. “Visoba, é você? Acabei de fazer *puranpolis*. Você gostaria de entrar e experimentar um?”

Foi um Visoba transformado que entrou na casa. Com suas mãos juntas em *namaskar*, ele disse a Jnaneshvar: “Posso ver que há muito para aprender com você. Por favor me aceite como seu discípulo.”

O Brâmane nem se deu conta da presença de Muktabai, embora tivesse sido ela quem o convidara a entrar. Jnaneshvar sorriu, e com a perfeita compaixão de um Mestre iluminado, ele apontou em direção à sua irmã mais nova e disse ao Brâmane: “Você pode ser um aluno dela.”

Visoba ficou de queixo caído. Aquela garotinha! Ser o *seu* Guru! Mas quando ele olhou dentro de seus olhos sábios e gentis, uma faísca de reconhecimento se acendeu. Esse sábio ancião entendeu que apesar de ser uma criança, Muktabai também era um ser iluminado, e seu coração se encheu de devoção a ela.

O Brâmane curvou-se respeitosamente diante da jovem que há tão pouco tempo ele havia repreendido nas ruas da aldeia e disse: “Me desculpe pelo meu comportamento esta manhã. Por favor, me perdoe e me aceite como seu humilde discípulo.”

Reconhecendo a sinceridade de seu anseio, graciosamente Muktabai assentiu. Com o tempo, através de sua graça e seguindo sua orientação, Visoba alcançou a realização do Ser, e ele mesmo se tornou o Guru de outros grandes santos.

Naquele dia, Visoba juntou-se à família para o banquete de Divali — e mais do que tudo, ele saboreou os *puranpolis*!



Recontado por Rachana Karron
Ilustração por Lucilda Dessardo Cooper

© 2018 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.